

Para uma cartografia do esoterismo pessoano

[Mapping Pessoa's Esotericism]

Teresa Filipe*

MARRONE, Rita Catania (2025). *Os Livros Ocultos de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Coleção Pessoaana. 440 pp. [ISBN: 978-972-27-3285-7].



Dos diversos méritos do presente volume, refira-se, antes de mais, o de abordar um assunto que há muito aguardava um estudo sistemático. Era já conhecida a existência de uma dimensão mística e ocultista em Fernando Pessoa, mas faltava demonstrar de que modo esta se articula com o universo plural do escritor. A longa espera pode explicar-se de várias formas: a dificuldade de delimitação do objecto – o esoterismo ocidental –, a ausência de parâmetros científicos estáveis para o seu estudo (historicamente relegado para formas de conhecimento sem garantias de cientificidade) e, ainda, a complexidade da sua aplicação a uma biblioteca de autor que permita evidenciar relações com a produção textual.

Quanto à dificuldade inerente ao objecto de estudo, a autora recorda que todo o esoterismo ocidental padece deste problema. O presente estudo, fundamentado sobretudo em Wouter HANEGRAFF (2005, 2006) e HANEGRAFF e Joyce PIJNENBURG (2009), constitui uma contribuição relevante para o esclarecimento quer da designação “esoterismo ocidental”, quer de diversos conceitos a ela associados, como se verifica em particular no primeiro capítulo (p. 23 e ss.). A explicitação desses conceitos apoia-se tanto em bibliografia recente sobre os temas abordados como nos livros e na marginalia da biblioteca pessoana, permitindo assim esclarecer a forma como Pessoa leu os autores referidos e em que medida deles divergiu. Um dos objectivos expressos do estudo consiste em compreender “[d]e que forma se dá a presença das leituras esotéricas na produção de Fernando Pessoa? E de que maneira o poeta reelaborou os conhecimentos que absorvia dos livros que lia?” (p. 24). Destaca-se, igualmente, a proposta de uma “fundamentação académica [...] que permita o estudo do esoterismo pessoano de uma forma mais sistemática e convincente” (p. 12).

Merecem destaque vários aspectos positivos do presente estudo: a identificação de materiais que esclarecem as características do pensamento esotérico pessoano, quer na biblioteca particular quer no espólio 3 da BNP (p. 72), chamando a aten-

* Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).



ção para a necessidade de estabelecer pontes entre estes dois núcleos (p. 96); o contributo para a identificação de elementos de uma biblioteca ideal e virtual (por exemplo, p. 188); bem como a identificação de fontes secundárias.

Vejam-se dois exemplos particularmente elucidativos: (1) a proposta de leitura pessoana de Rathenau e Guénon a partir do título de Léon de Poncins presente na colecção particular do escritor (CFP 0-18) (pp. 264-268 e 270, n. 204). As marcas de leitura neste volume, especificamente na p. 209, permitem rever a datação de um texto de Pessoa sobre os “300” (sem indicação de cota). Contudo, a ter sido esta a fonte, a data deverá ser *post* 1929, ano da publicação do livro de Poncins, e não 1928, como se indica na nota 200; (2) a identificação de traduções de textos de Jacques Matter no volume de Sampaio Bruno (CFP 8-75), sugerindo-se que terá sido a partir desta leitura que Pessoa adquiriu o livro de Matter (CFP 9-48).

Para além disso, o estudo de Rita Marrone contribui para esclarecer fontes do pensamento pessoano sobre o ocultismo, a maçonaria, a astrologia, o Quinto Império e o Sebastianismo. Nesse sentido, fornece indicações importantes para destrinçar elementos esotéricos ou gnósticos em textos pessoanos nos quais essa dimensão pode não ser imediatamente evidente. É o caso, por exemplo, da relação entre iniciação e criação poética (pp. 274-283), da questão Shakespeare / Bacon (p. 288), da relevância do elemento astral para a concepção pessoana de génio, ou ainda do conceito de Diabo, Satã ou “príncipe do mundo” (pp. 319-348).

Convém, no entanto, notar que, nestas matérias – como noutras –, a explicitação conceptual, embora esclarecedora, dificulta por vezes uma visão cronológica mais nítida, que permitiria compreender melhor o processo de aquisição, desenvolvimento e transformação dos conhecimentos, e, mais especificamente, o processo criativo ao longo do tempo. No que respeita à cronologia, a autora defende uma abordagem “transversal” (p. 350), embora se proponha averiguar a “bibliografia mental [do escritor] ao longo dos anos” (p. 126). Na realidade, apesar das reservas expressas ao longo do estudo, a abordagem cronológica está presente nas próprias declarações de intenção (por exemplo, p. 107), e há uma tentativa de sistematização nas pp. 370-372 que, todavia, não conduz a uma conclusão plenamente consistente.

A articulação entre livros, marginália e documentos do espólio permite, por outro lado, esclarecer materiais que influenciaram os processos de escrita (exogénese). É o caso da filiação estabelecida entre parte do texto sobre o horóscopo de Raul Leal, escrito por Pessoa (90⁶-59 e 59^v), e a leitura de Alan Leo (CFP 1-97, p. 111) (pp. 101-103). Outro exemplo particularmente conseguido é a análise do uso da expressão *traditio lampadis*, com indicação de possível fonte na p. 531 do volume com a cota 1-3. A autora observa que “[d]e Bacon, Pessoa possuía *The Philosophical Works of Francis Bacon* (CFP 1-3), editada por John M. Robertson em 1905” (p. 305), acrescentando que Robertson explica o uso da expressão *traditio lampadis*, posteriormente retomada por Pessoa na carta a Santa-Rita Pintor. É, aliás, este tipo de relação entre documentos que permite, em muitos casos, datar leituras.

Surpreende, por isso, a afirmação segundo a qual “se podemos afirmar com certeza que um livro foi lido, por exemplo, nos últimos cinco anos de vida do poeta, se a sua publicação remonta a 1930, não há maneira de datar a leitura duma obra de 1821” (p. 109, n. 86). Na realidade, existem outros critérios de datação, como marcas de posse ou anotações datadas. O próprio volume de Rita Marrone fornece exemplos nesse sentido: veja-se o caso do livro de Wigston, publicado em 1892 (CFP 8-582), que apresenta uma assinatura datada de 7.5.1917 (p. 304). O mesmo método poderia ter sido aplicado ao volume do Visconde de Ouguela (CFP 8-402), citado em nota (p. 109), caso se tivesse considerado uma anotação onde surge a data de 1916 (cf. Ouguela [imp. 1888], p. 251).

Outro aspecto relevante do estudo é a insistência na necessidade de uma abordagem sistemática da biblioteca particular e na importância da marginalia para os estudos pessoanos. No que respeita ao esoterismo, como a autora sublinha, continua a faltar uma edição crítica dos textos do espólio relacionados com esta temática (p. 14, n. 2).

A leitura do volume é, contudo, prejudicada por imprecisões e incongruências argumentativas, que deixam por vezes transparecer a ideia – errónea – de se estar a abrir um campo de investigação praticamente inexplorado.

O volume apresenta um levantamento dos principais hermeneutas do esoterismo pessoano (pp. 12–15, 134), com os quais a autora dialoga ao longo do estudo, confirmando ou revendo hipóteses de leitura que surgem agora mais esclarecidas graças à análise da biblioteca particular do escritor. A este respeito, convém assinalar que, contrariamente ao que se afirma na nota 3 da p. 14, a bibliografia dos estudos sobre os volumes disponíveis no site da Casa Fernando Pessoa não está completa. Como é do conhecimento da autora – que para ela contribuiu com artigos e uma tese, que está na base do presente volume –, o termo *ad quem* dessa bibliografia é 2010, ano da sua publicação pela equipa responsável pelo site. Desde então, e em grande medida devido à digitalização da biblioteca, os estudos sobre a biblioteca pessoana e a sua relação com a obra conheceram um crescimento exponencial, o que, de resto, facilitou a elaboração do presente volume. Ficam, assim, de fora numerosos estudos académicos que, não sendo exclusivamente dedicados ao esoterismo, com ele se relacionam.

Veja-se, por exemplo, como Maria Irene Ramalho, destacada investigadora pessoana, teorizadora do conceito de constelação – frequentemente mobilizado neste volume –, argumenta:

É bem sabido o interesse de Fernando Pessoa pela astrologia. Na sua biblioteca pessoal, encontram-se várias obras sobre o tema, muitas em língua inglesa, onde ocorrem termos como “conjunction”, “conjunct”, “inconjunct” (também dito “quincux”). O que me parece é que Pessoa chamou “inconjunctos” a esses poemas de Caeiro, não no sentido de dispersos, soltos ou por reunir, mas no sentido de poemas sem conjunção. Os “poemas sem conjunção” de Caeiro são, por assim

dizer, poemas fora da órbita do pastor-guardador-de-rebanhos, porém, parte ainda da mesma constelação.

(RAMALHO, 2021: 12).

Fica de fora igualmente, o catálogo publicado em 2015 por Manuel J. Gandra, *A Biblioteca Esotérica de Fernando Pessoa*, que inclui, por exemplo, um volume de Loisy (1930) – *Les Mystères paiens et le mystère chrétien* (CFP 2-35) –, que não é referido pela autora, assim como a dissertação de mestrado de Cristina ZHOU (2011), *Mundividência esotérica e poética iniciática de Fernando Pessoa*.

Outro aspecto merece atenção crítica. Na capa posterior do livro e no site da editora sugere-se, com efeito, que a obra trilha um caminho inédito – o que não corresponde à realidade –, afirmando-se ainda que o volume reuniria “todos os documentos da sua biblioteca particular e do seu espólio relacionados com o esoterismo ocidental” (por exemplo, pp. 72, 122).

Começando pelos livros, o anexo “A biblioteca esotérica de Pessoa” (pp. 393-416) reúne 123 títulos da biblioteca particular directamente relacionados com o esoterismo ocidental (124 na versão em tese), 6 títulos extraviados (já conhecidos), 8 títulos que terão passado pela biblioteca (virtual) e 36 títulos ou documentos do espólio 3 da Biblioteca Nacional. São ainda referidos volumes consultados pela investigadora na Biblioteca Nacional que, a seu ver, terão sido anotados por Pessoa, embora alguns desses vestígios – traços ou sublinhados – sejam de atribuição duvidosa.

Para além da dificuldade intrínseca de delimitar uma classe específica de livros esotéricos na biblioteca pessoana – dificuldade reconhecida pela própria autora, que sublinha a complexidade e abrangência do conceito de “esoterismo” e a sua disseminação por diversas classes (p. 14) –, os problemas da lista apresentada parecem residir menos na classificação do que na ausência de uma sistematização crítica ainda mais rigorosa.

Com efeito, vários elementos descritivos do anexo “Biblioteca Esotérica de Fernando Pessoa” (pp. 393-416) encontram-se incompletos (existem mais volumes com marginalia para além dos assinalados) ou desactualizados. A secção “Livros listados como extraviados”, efectuada a partir de um catálogo de 2010, poderia acrescentar informação segundo a qual o título de Aleister Crowley (1929). *The Stratem: and other Stories* (London: Madrake Press), se encontra muito provavelmente na posse de Pierre Leguillon (v. “Dialogue avec Pierre Leguillon. La Bibliothèque particulière de Fernando Pessoa, Tesouro transnational”, em <https://www.academia.edu/>). E no caso de outros livros, veja-se, por exemplo, a menção de *Raphael's Astronomical Ephemeris of the Planets' Places for 1882*; 1882 e não 1802, como por lapso se refere em diversas ocasiões; além disso, a cota do volume já não é 5-29, mas 1-178 (erro também repetido na p. 98, n. 78).

Nada disto invalida, naturalmente, a utilidade do esforço de sistematização. Pelo contrário, o conjunto proposto para a secção esotérica da biblioteca – incluindo

os volumes do espólio 3 da BNP, os extraviados, os virtuais e os ideais – demonstra claramente a relevância do tema.

A relação estabelecida entre livros, anotações da biblioteca particular e documentos do espólio pessoano – ainda que muitas das reproduções sejam de leitura difícil – contribui para evidenciar a articulação entre leitura e escrita, num processo criativo que não exclui a invenção, mas antes revela como a combinação de diferentes elementos a potencia. Paradoxalmente, é também este tipo de análise que enfraquece a tentativa, reiterada ao longo do volume, de fazer da chave esotérica o centro a partir do qual emanariam todos os interesses pessoanos.

Vários livros de filosofia e religião pertencem à editora inglesa Watts & Co., sendo J. M. Robertson o autor mais representado. Sobre esta editora já se debruçou José BARRETO (2007). Ligada ao racionalismo inglês, estabelece relações indirectas com o esoterismo, na medida em que esse racionalismo – que se poderia definir como um “iluminismo espiritual”, como sugere outro autor publicado pela mesma editora e lido por Pessoa (Archer, CFP 1-175, p. 196) – se associa, por exemplo, ao *freethinking*, conceito cuja articulação com o esoterismo pessoano teria sido útil explicitar. (Há, aliás, outros livros desta editora na classe esotérica proposta por Marrone). Trata-se, com efeito, de um racionalismo crítico da ortodoxia cristã e defensor da liberdade de pensamento. É também por esse motivo que a autora se vê confrontada com *Christianity and Mythology* (CFP 2-49). Este livro:

[...] faz parte duma zona de sombra que se cruza com o esoterismo apenas de maneira tangencial, na sua relação de subordinação com a (e inclusão na) história das religiões. Com efeito, o autor não pode ser inserido no panorama cultural ligado ao ocultismo *fin de siècle*, se não por contraposição, sendo bem pelo contrário ateu e racionalista. Contudo, o conteúdo do livro e a *marginalia* que se encontra nas suas páginas, leva-nos a ter uma consideração especial para com este texto.

(MARRONE, 2025: 44)

Como já tive ocasião de referir noutro contexto (FILIPE, 2022: 147, n. 181), não é possível atribuir inequivocamente todas as anotações a Pessoa, sendo plausível a presença de dois anotadores: o próprio Pessoa e uma outra mão ainda não identificada. Por essa razão, este volume não constitui um bom exemplo para sustentar a hipótese de releituras em momentos distintos – hipótese que, aliás, se verifica noutros casos, quando os exemplares anotados apresentam diferenças significativas de ortografia ou de instrumentos de escrita. O livro de Robertson poderá antes ser considerado um caso paradigmático de dupla anotação, por vezes na mesma página. A partir desse dado, seria pertinente investigar se, no momento da leitura, Pessoa encontrou já essas anotações e se, de algum modo, dialoga com elas ou delas se distancia.

No plano metodológico, a autora manifesta, em diversas ocasiões, a intenção de se afastar da crítica genética e da intertextualidade (pp. 21, 179), privilegiando uma “hermenêutica filosófica e literária” (p. 180) que, em princípio, garantiria uma

abordagem mais “transversal”, abrangente e contextualizante das leituras pessoais. Na prática, porém, ambos os métodos estão presentes no estudo, ainda que de forma não assumida. Com efeito, não se encontra qualquer enquadramento teórico explícito da intertextualidade; quanto à crítica genética, surge apenas uma referência pontual ao filólogo italiano Mazzino MONTINARI (*apud* MARRONE, 2025: 179), mobilizada para sustentar o conceito de “extra-texto” e a ideia de que “as leituras seriam parte integrante, embora implícita e oculta, da génese de qualquer escrito”.

Ora, como o próprio estudo demonstra, as leituras não permanecem necessariamente implícitas nem ocultas. A referência a Montinari serve, aliás, sobretudo como ponto de distanciamento (pp. 179-180), sem que daí resulte uma alternativa metodológica plenamente formulada.

Também a oposição entre uma suposta “hermenêutica horizontal” e uma “hermenêutica transversal” não é suficientemente clarificada. Veja-se, por exemplo, a análise da provável génese do texto 53B (apesar de não referido depreende-se que autora se refere ao documento com a cota 53B-80, descrito na p. 180) (pp. 183-186). A autora descreve uma “relação circular entre o documento do espólio, que remete virtualmente para a nota na folha de guarda final do livro de Cahill, que por sua vez remete explicitamente para a página 63 e para a linha horizontal traçada na margem” (p. 184).

Em rigor, o que aqui se descreve é um processo de natureza intertextual e genética, passível de reconstrução a partir da marginalia do volume com a cota 0-4: (1) leitura e destaque de um excerto na p. 63; (2) registo dessa leitura numa folha de guarda (“p. 63 – Pike – 4 meanings! Note!”); (3) produção de um novo texto (53B-80). A identificação desta cadeia de relações constitui precisamente um trabalho de índole genética e hermenêutica, que permite aprofundar o conhecimento das camadas de significação da escrita pessoana, ampliando-a e contextualizando-a.

Deste modo, a recusa explícita da intertextualidade e da crítica genética revela-se, em larga medida, programática, não correspondendo inteiramente às práticas analíticas efectivamente mobilizadas ao longo do estudo.

O suposto afastamento da crítica genética e da intertextualidade parece encontrar eco na proposta warburguiana de arrumação da biblioteca (p. 203), por oposição à CDU – Classificação Decimal Universal (p. 19). Essa opção adequar-se-ia melhor a uma hermenêutica de amplificação (p. 203) dos temas e documentos estudados, pondo em evidência o carácter rizomático da biblioteca esotérica e, em particular, da biblioteca de Pessoa (p. 22). Trata-se de uma observação pertinente: a arrumação warburguiana, proposta no início do século XX, é apelativa e adapta-se bem ao meio digital.

Desde 1997, com o lançamento do *Arquivo Pessoa*, a obra pessoana – publicada e não publicada – tem vindo a beneficiar de diversas edições digitais que promovem, em graus distintos, formas de conhecimento não linear e até performativo, como sucede com o projecto *LdoD*, no qual, aliás, a própria autora participou. Estranha-se,

por isso, a ausência de qualquer referência a estas edições digitais e às possibilidades hermenêuticas que oferecem.¹

O escrutínio da relação entre leitura e escrita encontra outro ponto particularmente sólido na comparação entre bibliotecas de autor, designadamente a de Fernando Pessoa e a do historiador Alfredo Pimenta (esta última à guarda da Fundação Calouste Gulbenkian). A análise da marginália de ambos no volume de Albert Lantoin (1935) – *Histoire de la Franc-Maçonnerie Française : la Franc-Maçonnerie dans l'État* –, no contexto dos escritos sobre a proposta de lei de José Cabral (1935) contra as associações secretas, permite evidenciar modos distintos de apropriação de um mesmo texto (pp. 192-200). O fecho deste capítulo é exemplar, na medida em que, em vez de procurar uma explicação totalizante, evidencia a conjugação de diversas tradições interpretativas.

Poderiam, contudo, ter sido convocados outros autores, como João Rico, menos conhecido, autor de *Fogo nas Cinzas*, onde se abordam temas esotéricos e maçônicos (CFP 8-468; por exemplo, p. 296).

Vejamos agora o *corpus* esotérico presente no espólio BNP/E3. Diz a autora:

Apesar de termos trabalhado, em simultâneo, com o espólio e com os escritos já publicados, a nossa atenção focou-se principalmente nas pastas 53, 53A e 53B (catalogadas com a etiqueta “Maçonaria”) e nas pastas 54, 54A e 54B (catalogadas com a etiqueta “Ocultismo”). Contudo e mais uma vez, uma questão semelhante à que levantamos no caso da biblioteca poder-se-ia levantar em relação ao espólio: quantos documentos que tratam de esoterismo estão efetivamente nas seis pastas com cota 53 e 54? Quantos, cruzando outros assuntos com maior ou menor grau de parentesco, não estarão por exemplo nas pastas dedicadas aos textos filosóficos, ou a temáticas sebastianistas, ou ainda religiosas? As numerosas tentativas editoriais de sistematização da obra pessoana, melhor ou pior sucedidas, já demonstraram amplamente este ponto. Só um trabalho atento e minucioso no espólio (que dificilmente poderá ser levado a cabo por apenas um investigador, pois precisaria duma equipa especializada tanto em assuntos esotéricos como em filologia pessoana), poderá proporcionar um conhecimento mais exaustivo do material esotérico produzido por Pessoa. (p. 122)

Ficam de fora da presente selecção textos como “O Caso da Janela Estreita”, transcrito e publicado por Ana Maria Freitas no livro *Quaresma, Decifrador* (PESSOA, 2008, pp. 345- 364), onde se lê (revi a transcrição; 27⁶ S-3^r):

- E, quanto a occultismo, só ha um typo de individuo que pode dedicar-se ao occultismo: é o que tem o espirito despaixonado e critico, difficil portanto de crer com facilidade, quasi impossivel de se entregar.
- Pois sim, disse Quaresma, mas quantos d'esses é que se dedicam ao occultismo?
- Nenhum, disse o tio Porco.

¹ A nota 184, na p. 242, procura demonstrar que a arrumação warburguiana não implica hierarquias; contudo, como é evidente, o estabelecimento *a posteriori* de relações entre livros já pressupõe uma intervenção interpretativa por parte de quem organiza.

Assim, não se trata efectivamente de isolar a parte esotérica da biblioteca e do espólio pessoanos, mas de uma selecção a partir da qual a autora constrói um argumento, com todos os méritos da elucidação de diversos temas complexos, mas, para chegar a uma conclusão muito semelhante à de José Augusto SEABRA nos anos 70 ou à de António QUADROS em 1984 (p. 134). A última frase da conclusão estabelece isso mesmo.

Isolar uma parte da biblioteca pessoana – neste caso, a esotérica – implica dificuldades evidentes, desde logo pela permeabilidade do objecto: (1) porque se dissemina por outras classes; (2) porque o leitor pode deixar vestígios (através da marginalia) do seu pensamento esotérico em livros cuja temática não o é *stricto sensu*. Ambos os fenómenos se verificam na biblioteca de Pessoa.

Relativamente ao primeiro ponto, ficam de fora numerosos títulos pertencentes a outras classes. Desde logo, a classe 2 – Religião / Teologia, verdadeira *twilight zone*, como a autora sublinha repetidamente (por exemplo, p. 51). Ora, tendo em conta a relevância dessa área para a própria definição de “esoterismo” – como observa Wouter Hanegraaff, citado pela autora, este “did not originate as a self-designation [...] but as a scholarly label applied *a posteriori* to certain religious developments in the context of early Christianity” (Hanegraaff *apud* Marrone, pp. 224-225) –, bem como para o caso específico de Pessoa, esta exclusão revela-se problemática (vejam-se, por exemplo, as leituras esotéricas dos Evangelhos e da Bíblia, pp. 308 e ss.).

Também a classe 1 – Filosofia / Psicologia –, que no sistema CDU pode incluir o esoterismo (tal como a classe 0), e, de forma decisiva, a classe 8 – Linguística / Filologia / Literatura – deveriam ter sido consideradas de modo mais sistemático. Neste último caso, a omissão é particularmente relevante, dado que muitos textos literários evidenciam conhecimento esotérico e, no caso de Pessoa, importa precisamente compreender como esse saber é transformado em literatura. Poder-se-ia convocar, a este respeito, autores como Homero, Virgílio, Dante, Milton, Shakespeare ou Bacon, alguns dos quais são referidos no estudo; mas também outros, menos evidentes, como Algernon Blackwood, autor de *John Silence: Physician Extraordinary*, colectânea de contos centrada em experiências pós-morte. Este volume – que apresenta numerosos sublinhados e uma anotação que remete explicitamente para uma leitura esotérica (“Cf. Hargrave Jennings’s tone”, CFP 8-595, p. 120) – articula-se com temas que a autora identifica como centrais, como o da reencarnação (p. 245).

Mesmo a classe 9, que inclui biografias, poderia ter sido mobilizada: veja-se, por exemplo, a biografia de Oscar Wilde por Anna de Brémont, onde se abordam aspectos do ocultismo na sociedade londrina contemporânea do escritor (pp. 9-11, 95 e ss.; p. 96: “ocultismo é o instinto profundo do desconhecido e do invisível”, trad. minha).

Quanto ao segundo ponto, Pessoa deixa, de facto, comentários de natureza esotérica em obras de outras classes. Veja-se, por exemplo, a inscrição de símbolos astrológicos na p. 502 do exemplar de *The Twentieth Century New Testament* (Westcott

& Hoet, 1904; CFP 2-69), ausente do corpus definido pela autora, e que evidencia a sobreposição entre pensamento esotérico e textos de temática religiosa. O mesmo critério é, aliás, adoptado pela autora ao destacar uma notícia de jornal (135C-34) lida “por Pessoa em chave astrológica”, com base na presença de símbolos anotados a lápis (p. 82).

A passagem anteriormente citada, em que a autora se escusa a uma sistematização mais estrita, poderia, de resto, ter moderado algumas afirmações mais peremptórias. É o caso da observação segundo a qual “Pessoa cita Goethe com uma certa frequência nas suas reflexões sobre o génio, mas é apenas neste caso que um texto lhe é expressamente dedicado”, referindo-se ao documento BNP/E3, 19-4^r, encimado pelo título “Goethe”. Conclui-se daí que, “não sendo explicitada a razão, o mistério é só parcialmente desvendado se pensarmos que Pessoa tinha informação de que Goethe era iniciado na Maçonaria” (pp. 130-131).

Ora, embora o documento em causa esteja encimado pelo nome de Goethe e aborde questões esotéricas, existe pelo menos um outro texto encimado pelo nome do autor e cujo conteúdo se relaciona com o esoterismo, onde, aliás, Pessoa se refere explicitamente à maçonaria (14C-14^r); e existem textos igualmente encimados pelo nome “Goethe” que não apresentam qualquer relação com o esoterismo. A leitura das primeiras frases do documento 14C-17^r também seriam suficientes para desvendar qualquer hipótese de mistério assim como a responder a questões colocadas pela autora na p. 133. Diz Pessoa, «[n]ão se póde escrever sobre Goethe sem algum entendimento das cinco disciplinas symbolicas a que conveniente se chama ‘as ciencias occultas’». Consulte-se os textos pessoanos sobre Goethe compilados por Pauly Ellen Bothe (PESSOA, 2013, pp. 125-129). A conclusão proposta e leituras subsequentes não se sustentam, portanto, de forma convincente.

Ao distinguir as diversas correntes incluídas sob a designação de “esoterismo ocidental”, a autora explicita que a maioria das obras presentes na biblioteca particular de Pessoa se inscreve num ramo histórico específico – o ocultismo –, produto do clima cultural do século XIX (p. 42). A maçonaria e a astrologia surgem como interesses recorrentes, amplamente documentados na biblioteca (p. 58). A astrologia é mesmo identificada como um dos “núcleos temáticos fulcrais” (p. 107), cuja “visão do mundo [...] forma parte integrante da ciência hermética que está por trás das especulações pessoanas” (p. 263).

Embora o tema não seja aprofundado de forma sistemática (p. 108), são assinalados diversos momentos em que a astrologia emerge nas leituras e nos escritos de Pessoa, incluindo sob o heterónimo Raphael Baldaya (por exemplo, pp. 260, 263). Teria sido, contudo, proveitosa uma análise mais detalhada dos numerosos manuais de astrologia presentes na biblioteca, bem como da abundante marginália que contém.

No que respeita à maçonaria, a autora evidencia o “interesse pelo lado prático e ritualístico” (p. 65), bem como o seu “cunho histórico [...] com implicações socio-

lógicas” (p. 112), apresentando uma lista de títulos acompanhada de possíveis datas de aquisição (pp. 108-117). Mais adiante, sugere que este interesse “pode ser considerado um satélite que roda à volta de um centro gravitacional maior, o da macro-história” (p. 204). São então analisados os conceitos de macro- e meta-história – entendida como englobando história e mitologia, sagrada e profana (pp. 205–206) –, demonstrando-se a sua presença na biblioteca e a sua projeção em textos sobre o sebastianismo (p. 220) ou as profecias. António QUADROS (1989) surge aqui como referência relevante, a que se acrescenta uma identificação mais precisa das fontes pessoanas na biblioteca (p. 221).

Contudo, perante questões como “[p]oder-se-á adicionar Pessoa, com a *Mensagem*, ao grupo dos poetas modernistas europeus que transpuseram em versos a visão do mundo ocultista ligada à meta-história?” (p. 243), ou ainda, perante a interrogação sobre se os múltiplos interesses de Pessoa – astrologia, destino oculto de Portugal, meta-história, criação poética – obedecem a um *fil rouge* ou constituem apenas “exercícios lúdicos de uma mente genial” (p. 264), a resposta permanece vacilante.

O estudo segue, de facto, uma metodologia amplamente adoptada na crítica genética: a identificação do papel da leitura na escrita através, por exemplo, da reconstrução dos elementos que intervêm na construção textual. Este método visa, contudo, sobretudo esclarecer a superfície do texto, permitindo acompanhar as diferentes camadas de escrita, mais do que alcançar uma hermenêutica da “Verdade” (como sugerido nas pp. 7, 8, 14 e ao longo do volume).

Libertar-se desse pressuposto teórico poderá ajudar a autora a ultrapassar alguns problemas recorrentes ao longo do ensaio, nomeadamente a insistência na necessidade de encontrar uma unidade – o paradigma esotérico – na multiplicidade textual de Pessoa (géneros, temas, conceitos, filosofias, estéticas). Do mesmo modo, o estudo da religião, que acompanhou Pessoa ao longo de toda a sua vida – como comprovam tanto as leituras como os textos –, poderia ser considerado um núcleo estruturante a partir do qual se ramificam diversos interesses, incluindo o esoterismo.

Apresentam-se, de seguida, a partir da indicação das páginas do volume, alguns (não todos) aspectos problemáticos da argumentação, com implicações nas conclusões do estudo.²

58 – Sobre o exemplar 0-39, que a autora afirma ter consultado em casa do sobrinho-herdeiro, já depois de o espólio ter sido declarado bem nacional, importa referir que, à data, o volume se encontrava já digitalizado no site da biblioteca par-

² Desde logo, a opção pelo uso do falso neutro “homem” suscita dúvidas: por que não seguir o próprio autor em estudo e recorrer a termos como “seres”, “humanos”, “pessoas” ou “vidas humanas”? Veja-se, por exemplo, pp. 312–313. Na p. 21 onde se lê “Classificação Decimal Universal, que é um sistema de indexação arquivístico”, leia-se “indexação bibliográfica”.

ticular, tendo sido posteriormente adquirido em leilão público pela Casa Fernando Pessoa, a 6 de Maio de 2020. A este propósito, convém assinalar que o estudo não menciona dois artigos relevantes sobre as novas aquisições da biblioteca particular e do espólio 3. (PIZARRO; FILIPE, 2020; SOUSA; PIZARRO, FERNANDES, 2022).

No que respeita à autoria das anotações, excluindo a assinatura na folha de rosto e uma anotação na p. 5, também a caneta preta, as restantes parecem ser de Pessoa (vejam-se, em particular, as pp. 20, 139 e 332, com anotações verbais). Refira-se ainda que, juntamente com o exemplar, a Casa Fernando Pessoa adquiriu uma pasta com várias folhas de anotações de Luiz Miguel Rosa Dias, tio de Pessoa e estudioso da via maçónica.

Se a consulta do exemplar material – tal como relatada na nota 30 da p. 58 – não se revelou conclusiva, teria sido, ainda assim, útil para esclarecer a eventual existência de um segundo exemplar do volume, uma vez que a descrição da leiloeira (https://issuu.com/palaciodocorreiovelho/docs/l376_sunica) refere características que não se verificam no exemplar adquirido (e que corresponde ao digitalizado): “Peça rara, pela sua antiguidade e, embora incompleta, valiosa também pelas anotações de Rosa Dias, alto grau da Maçonaria portuguesa. Fernando Pessoa possuiu também esta obra e refere-a”.

60 – Identifica-se uma “lógica de usar a mesma linguagem específica utilizada pelo autor e, em consequência, na marginália desses próprios livros”. Esta afirmação não se verifica para o conjunto da biblioteca, nem o idioma da marginália coincide necessariamente com o da obra lida. Basta considerar o caso evidente das traduções, mas também o dos comentários e da produção de texto autónomo.

Uma análise sistemática da biblioteca permite, pelo contrário, concluir que as anotações de Pessoa são maioritariamente em inglês, independentemente da língua do volume anotado, o que evidencia sobretudo o seu multilinguismo, mais do que qualquer consonância com o idioma do texto. Num documento (53B-14), transcrito pela autora (p. 171), ocorre, aliás, um caso interessante de mistura linguística; note-se ainda que, na passagem da tese para o livro, se verifica uma alteração na leitura de uma palavra: “The two pillars represent Form and Matter, which lideram* (tese) / ladeiam (livro) all things, even the Kether above”.

63 – Contrariamente ao indicado, a autoria do título com a cota 0-14 é conhecida: Miguel António Dias (1805–1878), cujo nome consta do catálogo da biblioteca particular. Médico, exilado político e destacado maçom português, foi Grão-Mestre da Maçonaria Eclética Portuguesa.

88 – As informações relativas ao exemplar com a cota 1-157 levantam dúvidas que comprometem a leitura subsequente. A autora lê, na página de rosto, “With E. F. W’s *Complements”, deduzindo que “com toda a probabilidade esta informação indica que o livro vinha junto com outra obra do mesmo autor”, não localizada na biblioteca; acrescenta ainda não ter encontrado qualquer referência a tal obra.

Ora, se a inscrição for lida como uma dedicatória do autor – “With E[ric] F. W[addington]’s Compliments” –, o problema desaparece. Também não se compreende a dificuldade na atribuição das anotações a caneta preta (nota 64). Na p. 17, trata-se claramente de uma anotação bibliográfica, em que o acrescento e a correcção constituem marcas de interesse.

A abreviatura “n!”, presente na p. 12 e típica de Pessoa, é transcrita como “N[ota]!”. Tal leitura suscita reservas: por que razão um exemplar amplamente anotado em inglês apresentaria um comentário em português (ou em latim, hipótese não explicitada)? A interpretação destas abreviaturas exige prudência e deve ser confrontada com outros elementos antes de se fixar um significado. Poderemos estar perante uma marca de surpresa – como defende a autora –, mas também, por exemplo, diante de um sinal de destaque enfático. O mesmo problema se coloca na p. 300, a propósito da transcrição de uma abreviatura na p. 205 do volume com a cota 8-582.

111 – A transcrição de marginália na guarda final do título com a cota 0-20 surge apenas atribuída à própria investigadora, o que levanta a dúvida de saber se o mesmo procedimento ocorre noutros casos.

112 – Sobre a autoria de *An Introduction to Royal Arch Masonry* (CFP 0-11), afirma-se que a obra está “assinada por Essex Master (pseudónimo dum autor que não nos foi possível desvelar)”. No entanto, tanto na bibliografia (p. 396) como no site da Biblioteca Particular se indica que *Essex Master* é o pseudónimo de George Edward Roebuck.

123 – Menciona-se um artigo de Pessoa sobre Waite sem indicação bibliográfica. Na mesma página, mais abaixo, refere-se uma análise já realizada à nota de leitura inscrita no exemplar com a cota 0-20; em casos como este, teria sido útil incluir, entre parênteses, a referência à página onde essa análise se encontra.

124 – O facto de *The Holy Grail* (CFP 1-158) apresentar anotações apenas até cerca de metade do volume leva a autora a sugerir uma eventual perda de interesse por parte de Pessoa. Tal hipótese contraria, contudo, uma afirmação anterior do próprio estudo: “não podermos tomar a sua ausência [de marginália] como um elemento inibidor de atenção, pois a mera presença do livro pode ser por si própria significativa” (p. 107).

Além disso, as notas de leitura podem ter sido transferidas para outros suportes – precisamente um dos pressupostos do estudo, que procura articular diferentes núcleos do espólio, como a autora demonstra em vários momentos (cf. pp. 127, 137).

126 – Apresentam-se três níveis de ligação entre um texto e a sua fonte, sem que fique claro se a autora reivindica a autoria desta tipologia ou se se inscreve numa tradição de estudos sobre intertextualidade; a única referência para o terceiro nível é, aliás, um artigo da própria autora. Teria sido útil remeter o leitor para a *Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica*, de Diego GIMÉNEZ (2020), que propõe uma abordagem baseada na rede intertextual filosófica subjacente ao *Livro do Desassossego*.

214 – A atribuição de anotações não verbais nas pp. VIII e IX do volume com a cota 8-402 levanta reservas. A caligrafia das anotações verbais ao longo do livro não parece ser de Pessoa, e não se detectam diferenças significativas – desde logo ao nível do instrumento de escrita – que permitam postular a existência de dois anotadores. Assim, torna-se problemático extrair conclusões a partir de marcas de leitura cuja autoria permanece incerta, ainda que tal hipótese favoreça o desenvolvimento do argumento.

216 – “A relação que se estabelece entre o ponto e o círculo é de dependência do segundo face ao primeiro: o círculo não existe sem a ação do ponto central, que o gera por irradiação ou emanção.” A reflexão sobre a relação entre centro e círculo parece orientar-se para a defesa de um princípio unificador que sustenta duas teses: (1) a existência de uma chave de leitura central – o esoterismo – da qual tudo emanaria; (2) a centralidade do autor enquanto núcleo da obra de arte.

Contudo, ao longo do estudo, nota-se uma ausência de problematização crítica das noções de “autor” e “obra”, tal como a própria escrita de Pessoa parece exigir. Se atentarmos bem, também o “centro” depende de um “círculo” que o delimite; sem essa configuração relacional, a própria ideia de centralidade dissolve-se. É neste sentido que a noção de constelação, mobilizada em vários momentos do estudo, se revela amplamente fecunda para pensar a heterogeneidade do universo pessoano.

221 – “Apesar da sua ausência na biblioteca de Pessoa, Fabre d’Olivet gravita silenciosamente à volta dos assuntos que estamos a considerar”. O autor encontra-se, contudo, presente em bibliografia secundária, nomeadamente em *Mercure de France* (1912), vol. I, p. 727 (CFP 0-42), e em Gourmont (1909), *Promenades philosophiques*, p. 140 (CFP 1-57B).

225–232 – Por que razão Sampaio Bruno (CFP 8-75), amplamente anotado por Pessoa e indicado como provável fonte para a leitura pessoana de Jacques Matter (CFP 9-48), não é incluído na classe X – esotérica?

229, n. 171 – “O próprio esoterismo ocidental não se limitou ao Ocidente. [...] O surgimento, naquela época, da História das religiões comparadas também torna indispensável a confrontação com o Oriente.” Importa perguntar: em que medida esse confronto com o Oriente interessou a Pessoa – e de que modo se manifesta? Limita-se à crítica da Teosofia (p. 268) ou assume outras formas?

236 – A astrologia aplicada a eras e nações está amplamente documentada no espólio. Coloca-se a questão de saber se tal interesse se reflecte também nos livros da biblioteca.

255, n. 195 – O inquérito referido foi publicado em livro e encontra-se na biblioteca particular com a cota CFP 9-57, contendo uma dedicatória do autor a Pessoa, datada de Novembro de 1934.

264 – Pessoa pode ter encontrado a referência à frase de Rathenau sobre os Trezentos em Léon de Poncins (CFP 0-18), mas a biblioteca conserva igualmente um título da autoria de Rathenau (CFP 3-65), que não é mencionado.

284, n. 214 – Pizarro não editou poesia para a INCM.

290 – A afirmação de que “Wigston foi pioneiro de estudos que só se virão a desenvolver a nível académico muito mais tarde” deve ser matizada. Veja-se: “Pott founded the Francis Bacon Society in 1885 and published her Bacon-centered theory in 1891. In this, Pott developed the view of W. F. C. Wigston” (CASTRO, 2015: 238). A referência a Pott é relevante, uma vez que Pessoa conhecia este estudo, como atesta o documento 76A-46: “Mrs. Pott: *Bacon’s Promus* – 1883 – ‘a monumental work’”.

290–291 – Contesta-se a inclusão de *Secret Shakespearean Seals* na classe 8 (CFP 8-481), por se tratar de “uma análise eminentemente esotérica”. No entanto, coloca-se a dúvida: o estudo das peças e dos sonetos de Shakespeare não se insere, ainda assim, no domínio da literatura (classe 8 – Língua, Linguística e Literatura), independentemente da natureza – esotérica ou outra – das interpretações propostas?

307 – A ausência do acento circunflexo na assinatura permite datar as leituras como posteriores a 4 de Setembro de 1916 – e não apenas, de forma genérica, posteriores a 1916. Como é sabido, nessa data Pessoa escreve a Armando Côrtes-Rodrigues anunciando a eliminação do acento no seu apelido.

306–311 – Propõe-se que o título de Mead presente na biblioteca (CFP 1-105) seja uma das fontes mais fiáveis do gnosticismo pessoano. Contudo, a assinatura no volume permite datar a leitura como posterior a 4 de Setembro de 1916. Coloca-se, então, a questão: deverá a redação do texto “Philosopho hermetico” ser igualmente considerada posterior, revendo-se a sua datação actualmente aceite (1909-1910)? A implicação é relevante, mas não é explicitada.

321 – “Dalila Pereira da Costa já tinha individuado no pensamento pessoano sinais desta visão dualista do ser humano.” Importaria precisar: em toda a obra de Pessoa? Num período específico? Em determinados textos ou figuras autorais?

*

No geral, o presente estudo constitui um avanço nos estudos pessoanos, na medida em que isola e produz conhecimento sobre uma parte substancial da biblioteca particular, contribuindo, assim, para a compreensão do pensamento e dos processos criativos do autor. Ao confrontar-se com estudos anteriores, a autora não só dialoga com a tradição crítica como, em alguns casos, complementa intuições já formuladas, mobilizando material da biblioteca do escritor.

Como a autora assinala repetidamente, o esoterismo – bem como diversos temas que lhe estão associados (espiritismo, ocultismo, profecias, maçonaria, teosofia, alquimia, gnose, Rosa-Cruz) – ocupa um lugar significativo no espírito da época. O século XIX configura-se, nesse sentido, como um momento de tensão entre o método científico e uma visão do mundo de matriz ocultista (p. 79); em termos amplos, pode dizer-se que é o próprio Iluminismo que engendra, por reacção, o Ocultismo.

Pessoa participa, assim, desse horizonte cultural e, como o estudo demonstra, não apenas como curioso, mas como leitor atento e estudioso.

Do mesmo modo, como se refere a propósito do mesmerismo (p. 78), certos temas encontraram “largo espaço dentro do imaginário coletivo da época”, sendo plausível que Pessoa tenha contactado com eles através da literatura. A presença, na sua biblioteca, de *The Choice Works of Edgar Allan Poe* (CFP 8-442), de 1902 – que inclui “The Facts in the Case of M. Valdemar” e “A Tale of the Ragged Mountains” – é um exemplo elucidativo. Contudo, este volume não integra a classe X definida pela autora, tal como não integra Victor Hugo, apesar do seu conhecido interesse pelo espiritismo (p. 81).

Se o esoterismo permeia a literatura, e se é provável que Pessoa tenha acedido a muitos destes temas por via literária – em primeiro ou em sucessivos graus –, então uma parte significativa dos títulos da classe 8 deveria, em rigor, ser considerada no âmbito da classe X. Veja-se, por exemplo, o caso do *Fausto* de Goethe (pp. 130 ss.). Esta indefinição constitui uma das principais dificuldades para o leitor na apreensão do corpus estabelecido.

A fragilidade na delimitação do corpus torna-se particularmente relevante no momento de sustentar conclusões acerca do peso do esoterismo no processo criativo pessoano. Se, por um lado, a presença de elementos esotéricos na linguagem de Pessoa é evidenciada com clareza, por outro, a sua articulação com outras matrizes já reconhecidas permanece insuficientemente explorada.

O caso do conceito de génio é exemplar: ainda que existam textos esotéricos sobre o tema, importa compreender como estes se relacionam com outras fontes fundamentais, como Spencer, Nordau, Guyau, Lombroso ou Robertson. Propor Blavatsky como referência no passo sobre os véus de Ísis (“Já vi Isis...”) (p. 317) não deve fazer esquecer a referência explícita, imediatamente anterior, a Spencer: “o que sabemos é uma esfera que, quanto mais se alarga, em tantos mais pontos tem contacto com o que não sabemos”. Não parece, portanto, possível sustentar a existência de uma chave única de leitura para Pessoa.

Mais ainda: o sujeito que a investigadora procura recentrar corre o risco de se tornar, ele próprio, uma construção ficcional – o que não deixa de ser paradoxal no caso de um autor que problematiza radicalmente as noções de autoria e unidade. Retomando a analogia sugerida: poder-se-ia dizer “li Pessoa, mas não sei se ele existe” (p. 388).

Os livros de temática esotérica constituem, sem dúvida, uma componente relevante da diversidade de fontes que alimentam a originalidade pessoana. Reconhecer essa importância, porém, não implica convertê-la no centro organizador dessa diversidade, nem minimizar características fundamentais do escritor, amplamente demonstradas pela crítica recente: a fragmentação, a incompletude, a abertura.

Neste contexto, a hipótese de uma leitura alquímica da heteronímia revela-se pouco convincente, sobretudo quando o próprio argumento evidencia que o sentido

iniciático surge frequentemente como metáfora, analogia ou correspondência do processo de criação artística (pp. 136–141), envolvendo transfiguração, mistura de tradições e construção alegórica (p. 175). Tais elementos apontam antes para uma dinâmica criativa assente na recombinação e na pluralidade.

Não parece, por isso, produtivo propor uma leitura unívoca do legado pessoano. A crítica levou décadas a afirmar a imagem de Pessoa como uma constelação de sentidos – aberta, plural, irreduzível a sínteses totalizantes. Regressar a um modelo unificador levanta, assim, reservas.

Poder-se-ia, alternativamente, sustentar que é a crítica ao Cristianismo que conduz Pessoa ao estudo do pensamento esotérico – hipótese que o presente estudo não invalida e que, em vários momentos, parece mesmo confirmar (p. 200).

Bibliografia

- BARRETO, José (2007). “Fernando Pessoa – racionalista, livre-pensador e individualista: a influência liberal inglesa”. *A Arca de Pessoa: novos ensaios*. Steffen Dix e Jerónimo Pizarro (orgs.). Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, pp. 109-127.
- CASTRO, Mariana Gray de (2015). *Fernando Pessoa's Shakespeare. The Invention of the Heteronyms*. London: Critical, Cultural and Communications Press.
- FILIFE, Teresa (2022). “Edição digital e estudo da marginalia de Fernando Pessoa”. Tese de doutoramento em Crítica Textual. Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/57880>
- GANDRA, Manuel J. (2015). *A Biblioteca Esotérica de Fernando Pessoa*. Mafra: Manuel J. Gandra.
- GIMÉNEZ, Diego (2020). *Edição Virtual: Intertextualidade Filosófica. Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-InterFil>
- HANEGRAAFF, Wouter J. (2006) (org.). *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*. Edited by Wouter J. Hanegraaff, in collaboration with Antoine Faivre, Roelof van den Broek and Jean-Pierre Brach. Leiden: Brill Academic Pub.
- (2005). “Forbidden Knowledge: Anti-Esoteric Polemics and Academic Research”. *Aries*, vol. 5, issue 2, pp. 225-254. https://brill.com/view/journals/arie/5/2/article-p225_3.xml [Leiden: Brill Academic Publishers].
- HANEGRAAFF, Wouter J.; PIJNENBURG, Joyce (2009) eds.). *Hermes in the Academy. Ten Years' Study of Western Esotericism at the University of Amsterdam*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- PESSOA, Fernando (2013). *Apreciações Literárias*. Edição de Pauly Ellen Bothe. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (2008). *Quaresma, Decifrador. As Novelas Policiárias*. Edição de Ana Maria Freitas Lisboa: Assírio & Alvim.
- PIZARRO, Jerónimo; FILIFE, Teresa (2020). “Livros, objectos, manuscritos e fotografias: doação e venda”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 17, Primavera, pp. 230-349. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/0wqk-qf64>
- QUADROS, António (1984). *Fernando Pessoa. Vida, Personalidade e Génio*. Lisboa: D. Quixote.
- (1989). *A Ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos Últimos Cem Anos*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- RAMALHO, Maria Irene (2021). *Fernando Pessoa e Outros Fingidores*. Lisboa: Tinta-da-china.
- SEABRA, José Augusto (1988) [1974]. *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SOUSA, Rui, PIZARRO, Jerónimo, FERNANDES, Manuel P. (2022). “O espólio infinito: sobre as novas aquisições, 390 a 829”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 21, Primavera, pp. 239-471. Brown Digital Repository. Brown Univ. Library. <https://doi.org/10.26300/zg56-re52>
- ZHOU, Miao (2011). *Mundividência Esotérica e Poética Iniciática de Fernando Pessoa*. Dissertação de mestrado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino. Universidade de Coimbra.

TERESA FILIPE licenciou-se em Filosofia, com *minor* em Tradução (2010), e obteve o grau de Mestre em Filosofia Contemporânea (2012), ambos pela Universidade de Évora. Foi bolseira de investigação no projecto “Edição das Obras Completas de Eduardo Lourenço”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Universidade de Évora (2010–2015). Doutorou-se em Crítica Textual, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese intitulada “Estudo e Edição Digital da Marginália de Fernando Pessoa” (2022). É membro do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e investigadora na Casa Fernando Pessoa, no âmbito do projecto de investigação “Marginália de Pessoa”. As suas principais actividades incluem a transcrição, classificação e edição da marginalia da biblioteca particular de Fernando Pessoa para uma edição digital. Actualmente, os seus principais interesses de investigação centram-se em Fernando Pessoa, bibliotecas de escritores, crítica textual e marginalia digital.

TERESA FILIPE graduated in Philosophy, with a minor in Translation (2010), and obtained a Master’s degree in Contemporary Philosophy (2012), both from the University of Évora, Portugal. She was a research fellow in the project “Edition of the Complete Works of Eduardo Lourenço”, funded by the Calouste Gulbenkian Foundation and the University of Évora (2010–2015). She holds a PhD in Textual Criticism from the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon, with a dissertation entitled “Study and Digital Edition of Fernando Pessoa’s Marginalia” (2022). She is a member of the Centre of Linguistics of the University of Lisbon (CLUL) and a researcher at Casa Fernando Pessoa, within the research project “Pessoa’s Marginalia”. Her main activities include transcribing, classifying, and editing the marginalia from Fernando Pessoa’s private library for a digital edition. Her current research interests focus on Fernando Pessoa, writers’ libraries, textual criticism, and digital marginalia.